

5

Pessoas com afasia em cena

A afasia é uma perturbação nos processos de significação, em que há alterações linguísticas, com repercussões no funcionamento discursivo, sendo causada por lesão cerebral decorrente de acidente vascular cerebral (AVC), traumatismo crânioencefálico (TCE), tumor, entre outras afecções neurológicas. Para além da lesão cerebral, um sujeito é afásico quando lhe faltam recursos de produção e interpretação para exercer a linguagem (Coudry, 2008). Em outras palavras, o indivíduo é afásico porque há processos linguísticos alterados em seu cérebro que afetam, de alguma forma, suas construções discursivas (ex.: sentido, identidade, entre outros).

A fim de buscar um diálogo desta pesquisa (que não busca olhar para os déficits linguísticos) com os estudos afasiológicos (que se ocupa dos mesmos), cabe destacar que, nas afasias, no que tange aos comprometimentos dos aspectos expressivos da linguagem, isto é, às alterações da produção verbal (aspectos comprometidos nas participantes desta pesquisa), podem estar presentes desde um comprometimento leve, em que o discurso é marcado apenas por um sintoma que na literatura afasiológica é definido por anomia (i.e. dificuldade de encontrar palavras, possivelmente decorrente de dificuldade de acessar o léxico ou recuperar informações a ele referentes, que se constitui na manifestação linguística mais proeminente de um distúrbio afásico), até um comprometimento mais severo, em que se verifica incapacidade de emitir qualquer sinal linguístico. Outros comprometimentos nos aspectos expressivos da linguagem podem ter como manifestação uma fala com predominância de substantivos, escassez de adjetivos, advérbios e preposições, inversões da ordem das palavras, problemas de conjugação verbal, o que, de acordo com a literatura afasiológica, é considerado um agramatismo, ou até mesmo a presença de parafasias (substituição de uma palavra por outra), entre outras manifestações linguísticas que não são relevantes para esta pesquisa, uma vez que não estão presentes nos dados sob análise.

Levando em conta as limitações linguísticas de pessoas com afasia, não há como negligenciar a realidade de que, quando os participantes de uma interação são pessoas com afasia, algumas peculiaridades emergem nas trocas discursivas;

dentre elas, existem aquelas que reforçam a tese de que a linguagem é uma forma de ação conjunta (Clark, 2000), visto que pessoas com afasia, muitas vezes, não conseguem construir seus enunciados sozinhas ou, em outros momentos, constroem enunciados ininteligíveis, que carecem de reparos ou correções da parte do outro. Além disso, os participantes que interagem com pessoas com afasia precisam ser mais tolerantes, concedendo a elas um tempo maior para produzirem seus enunciados, ou seja, devem maximizar os turnos de fala dessas pessoas. Essa maximização de turnos presente em conversas de pessoas que apresentam afasia está claramente em contraste com a organização de conversas ordinárias e suas preferências por minimização de turno, o que demanda uma cooperação daqueles que interagem com essas pessoas (Wilkinson, Beeke, Maxim, 2010).

Se a afasia afeta certas estruturas e usos da língua, por sua vez, o sujeito afásico busca outros *modos/ arranjos* para *significar/ associar*, ou seja, produz *processos alternativos de significação* (Coudry, 2008) Assim considerando, pessoas com afasia têm uma opção, uma escolha estratégica para falar dessa ou daquela forma – tentar produzir sentenças completas, estando sujeitas aos tradicionalmente considerados agramatismos, ou adequá-las ao seu enunciado, a seu ‘impedimento’, produzindo, portanto, uma sentença mais curta -, sendo que o fator decisivo para essa escolha pode ser considerado o contexto (e.g. informal ou formal) (Heechen & Schegloff, 2003).

Estudos seminais acerca das afasias (Goldstein, 1939 e 1948; Jackson, 1931) espriam a visão de que o comportamento linguístico de pessoas com afasia pode ser visto, no mínimo em parte, como uma manifestação da adaptação aos efeitos da lesão subjacente, ao invés de simplesmente ser uma reflexão direta dessa lesão. Alinhando-se a essa perspectiva de entendimento das manifestações linguísticas de pessoas acometidas por afasia, Wilkinson *et al.* (2007) argumentam que as estratégias utilizadas por pessoas com afasia para lidar com o déficit linguístico envolvem adaptação do uso de recursos linguísticos limitados de modo a lidar com as exigências de contribuição com a conversa em curso.

Apostando nessa capacidade de pessoas com a afasia de lidar com (usar) a linguagem, de modo habilidoso, mediante o comprometimento linguístico que lhes foi imposto, o interesse desta pesquisa se volta para as construções discursivas dessas pessoas, ao invés de se voltar para os déficits por elas apresentados, deslocando, então, o foco da patologia para o indivíduo que a

apresenta. Eleger o discurso do *aqui e agora* como fenômeno de interesse, não se trata de negligenciar os déficits e seus efeitos no uso da linguagem, mas sim de voltar a atenção para aquilo que pessoas com afasia conseguem fazer com (e através de) a linguagem, ao invés focar naquilo que elas não conseguem fazer.

Em suma, embora se trate de um estudo que envolva pessoas com afasia, sua meta não consiste em analisar/identificar os déficits linguísticos apresentados por essas pessoas, mas, ao contrário, consiste em tentar entender como essas pessoas, juntamente com os outros participantes da interação, constroem suas narrativas, utilizando recursos disponíveis, além do código. Portanto, não condiz com a proposta aqui delineada tipificar as afasias apresentadas pelas participantes desta pesquisa (já que o interesse desta pesquisa não reside na patologia), nem mesmo assumir termos da literatura afasiológica tradicional, como por exemplo, anomia e agramatismo, para caracterizar o discurso das participantes (já que esta pesquisa assume os fundamentos de uma vertente que não se ocupa da estrutura da língua – a vertente discursiva, logo, interacional).

A proposta desta pesquisa, então, não se detém às produções textuais das participantes deste estudo, em busca do entendimento dos déficits linguísticos manifestados na linguagem em uso, o que já tem sido contemplado com louvor por diversos estudiosos. O olhar será voltado para categorias interacionais que nos sinalizem como pessoas com afasia se constroem como narradores, de modo que possamos sustentar que, se ao analisar narrativas podemos ir além de uma análise textualística, a construção da identidade de narrador também pode ser alcançada por um outro caminho – via análise interacional, em que narrativas são concebidas como uma construção social, cultural e interacional, e identidades são entendidas como uma categoria tão flexível quanto o fluxo da interação, uma construção social.

No campo de estudo das afasias, categorias linguísticas consistem em objetos amplamente abordados pela agenda da grande maioria dos estudos que tratam da tríade “estudos da linguagem-afasia-narrativa” (e.g. Pacheco e Pinto, 2010; Brandão e Pinto, 2008; Ulatowska, Freedman-Stern & Macaluso-Haynes, 2004; Goodglass, Christiansen & Gallagher, 1993, entre diversos outros). Pacheco e Pinto (2010), a partir de um referencial enunciativo-discursivo, investigaram características linguísticas presentes em narrativas de uma pessoa com afasia e observaram desorganização sintática dos enunciados do sujeito analisado como

fruto da dificuldade de seleção lexical, e, com base em Bakhtin (1997), ressaltaram que apesar de tal dificuldade, o sujeito apresentava todas as características próprias do gênero narrativo. Nessa mesma vertente de estudos, Brandão e Pinto (2008) analisaram processos de reformulação na narrativa de um sujeito afásico em situações dialógicas, destacando as estratégias linguísticas e gestuais utilizadas para driblar as dificuldades linguísticas.

Ainda em relação aos estudos de narrativas de pessoas com afasia, Andreetta, Cantagallo e Marini (2012), em um estudo sobre discurso narrativo na afasia anômica, observaram que pessoas com afasia anômica, em comparação com pessoas sem afasia, com idades e níveis escolares equivalentes, produziram narrativas com menor velocidade de fala, enunciados de reduzida extensão, menor quantidade de sentenças bem formadas (do ponto de vista gramatical), maior quantidade de parafasias semânticas, e maior quantidade de “erros” de coerência e coesão, o que, levaram as autoras a concluir, por um lado, que pessoas com afasia anômica, frequentemente, interrompem o fluxo da narração, e por outro, utilizam estratégias para lidarem com as dificuldades lexicais. Têm-se, também, o estudo de Ulatowska, Freedman-Stern e Macaluso-Haynes (2004), onde os autores analisaram a competência narrativa de pessoas com afasia, olhando para características sintáticas e discursivas, e os resultados desse estudo mostraram que pessoas com afasia produziram narrativas bem estruturadas dos pontos de vista sintático e discursivo, não obstante as reduções da linguagem quanto à complexidade e à extensão das construções sentenciais, bem como as dificuldades na produção do sumário e na construção do ponto da narrativa. Também elegendo categorias linguísticas para análise, Goodglass, Christiansen e Gallagher (1993) investigaram aspectos morfológicos e sintáticos de narrativas de pessoas com afasia e observaram dificuldades quanto ao uso de auxiliares, inflexões verbais, passiva, artigos, verbos principais.

Torna-se relevante destacar que os estudos que tratam da interface “estudos da linguagem *versus* afasia” não se esgotam naqueles que elegem a tríade “estudos da linguagem-afasia-narrativa”, uma vez que, atendo-nos ao território nacional, temos, por exemplo, importantes pesquisas nas áreas da Linguística Sociocognitiva (cf. Morato, 2010, entre outros), da Neurolinguística Discursiva (cf. Coudry, 2008, entre outros) e da Linguística Cognitiva de cunho gerativista (cf. Novaes, 2007, entre outros). As duas primeiras perspectivas

conjugam análises textualísticas e interacionais, tratando de enunciados e enunciação (incluindo o sujeito e o contexto da enunciação), ao passo que a última perspectiva se atém a categorias linguísticas peculiares à agenda gerativista.

Por meio do entrelace aqui proposto de diferentes perspectivas de estudo de narrativas (canônica e interacional) e da eleição de categorias interacionais para a análise de narrativas de pessoas com afasia, pretende-se contribuir para as pesquisas desenvolvidas no âmbito da interface estudos da linguagem *versus* afasia, ocupando um lugar no território da Análise de Narrativa (cf. Riessman, 1993; 2008). A partir desse lugar, então, esta pesquisa almeja agregar mais um modo de se olhar para narrativas de pessoas com afasia às produções acadêmicas até então desenvolvidas nesse campo.